

A Umbanda no Extremo Oeste Catarinense

Olhares Sobre a Religiosidade Regional

Edinaldo Enoque Silva Junior¹

Paulino Eidt²

Resumo

Por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, buscamos compreender como surge a Umbanda no Extremo Oeste Catarinense, mais especificamente na cidade de São Miguel do Oeste. Pretendemos responder a questões como: A umbanda se inseriu na região com a colonização? Se não, em que época ela começou a fazer parte do contexto regional? Onde eram e onde são feitos os rituais? Havia ou há algum tipo de represália por parte da Igreja? Da polícia? Como é tratado o preconceito e a discriminação? Partindo do pressuposto de que todas as sociedades estão à mercê de ressignificações em seu *habitus*, tivemos como principal objetivo dessa pesquisa compreender como a umbanda se insere em São Miguel do Oeste, como é a relação dos participantes com outras religiões, com a sociedade, etc.

Palavras-chave: Umbanda. Colonização. Religiosidade.

¹ Pesquisador, graduado em História, especialista em Ciências Sociais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professor de História no Colégio Jesus Maria José, Rua La Salle, 2570 – SC – 89.900-000. Brasil. E-mail: enoquesmo@hotmail.com

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Rua Oiapoc, 211 – São Miguel do Oeste – SC – 89.900-000. Brasil. E-mail: paulino@unoescsmo.edu.br

**UMBANDA IN THE FAR WEST OF SANTA CATARINA:
New Perspectives on Regional Religiosity**

Abstract

Through literature research and field, we understand how it arises Umbanda in the Far West of Santa Catarina, more specifically in Sao Miguel do Oeste. We intend to answer questions like: Umbanda was introduced into the region through colonization? If not, what time she became part of the regional context? Where they were and where the rituals are done? Or had some kind of reprisal by the church? Police? How is it treated prejudice and discrimination? Assuming that all societies are at the mercy of reinterpretation in their habitus, had as main objective of this research to understand how the fall Umbanda in Sao Miguel do Oeste, as is the ratio of participants with other religions, society etc.

Keywords: Umbanda. Colonization. Religion.

Os historiadores devem prezar pela História da região onde estão inseridos. Assim, deverão ser os primeiros a explorar os vastos terrenos da história adormecida dos seus locais de origem. Devem fazer valer as palavras de Walter Benjamin, que afirmava “*nada do que aconteceu deve ser perdido para a história*”.

É função do historiador avançar sobre territórios desconhecidos e ocultos do saber. Narrar, pesquisar e escrever o passado antes de ser recoberto pela ação do tempo.

Incentivar os museus, o resgatar da história oral, dar destino correto aos documentos e fotografias e pesquisar são tarefas elementares para qualquer historiador. Reconstruir e interpretar o passado cultural, percorrer caminhos ainda inexplorados e lutar continuamente contra a apatia da sociedade capitalista não disposta a lembrar não se constitui em tarefa simples. Para alcançar estas metas é preciso não atribuir um caráter marginal à história da maioria, ouvir as vozes silenciadas, restaurar itinerários considerados vazios e contrapor-se a mecanismos oficiais de preservação da memória que nega e recusa a validade e o sentido grupal do passado.

O historiador deve defender intransigentemente a História como sendo produto de todos. Contemplar em suas escritas e pesquisas os heróis anônimos que não podem ser lidos em placas que indicam nomes de ruas, colégios e praças. Escrever e falar dos protagonistas que nunca tiveram as suas histórias contadas nos livros e jamais tiveram seus itinerários convertidos em poesia ou música. Lembrar-se dos humildes que não aparecem na mídia, e quando aparecem, geralmente é em circunstâncias de sofrimento e dor.

Sabemos que no sistema capitalista o jogo da vida renasce, a todo o momento, de um contexto de novos personagens e nova correlação de forças. As novas regras criam novos espaços, difundem novas verdades, estabelecem novos laços, segregam pessoas e espaços.

Desse modo, pretendemos com a pesquisa estudar o surgimento da religião Umbanda no contexto do Extremo Oeste de Santa Catarina. Para isso selecionamos a maior cidade da região, São Miguel do Oeste, como local de pesquisa.

O trabalho foi dividido em duas etapas: a primeira consistiu-se em investigar acerca da formação da Umbanda no Brasil, como são estruturados seus construtos simbólicos, qual é a relação entre os praticantes da Umbanda, qual é a população de fiéis e como estão distribuídas no país, quais são seus grandes centros, etc. Tentamos compreender qual é a raiz da Umbanda, a partir de quais elementos ela é composta e como isso a denomina como a genuína religião brasileira.

Num segundo momento procuramos entender como a religião é tratada na região do Extremo Oeste de Santa Catarina, como ela se difundiu na região e quais são os seus ensinamentos. Procurou-se construir um itinerário de como, por que e por quem a religião foi trazida para a região.

Para isso utilizamos a pesquisa de campo. Dez médiuns da cidade (São Miguel do Oeste) foram entrevistados juntamente com mais cinco participantes da religião. Os métodos de pesquisa utilizados para alcançar esse objetivo foram dois: com os médiuns por meio de entrevistas semiabertas e com os participantes com perguntas abertas.

Com as entrevistas em mãos, o processo final do trabalho foi realizado. Utilizando o referencial teórico e as pesquisas foi possível analisar o surgimento da Umbanda e a sua relação com os praticantes.

A Umbanda no Extremo Oeste Catarinense: olhares sobre a religiosidade regional

Esta parte da pesquisa teve como propósito analisar o surgimento da Umbanda no Extremo Oeste de Santa Catarina, mais especificamente em São Miguel do Oeste. Para isso, iniciamos o trabalho construimos um referencial

teórico buscando compreender a configuração religiosa como um todo e logo em seguida o surgimento da Umbanda, o que significa, e como ela se configurou no Brasil. Num segundo momento, nos preocupamos (em) buscar compreender como se deu o processo de colonização do Extremo Oeste de Santa Catarina, e conseqüentemente, com ajuda da pesquisa de campo, estudar a Umbanda nessa região, como surgiu, em que época e por quem. Utilizamos como objeto da pesquisa de campo um Terreiro de Umbanda na cidade de São Miguel do Oeste, quando com perguntas semi-estruturadas e participação *in loco* entrevistamos médiuns e participantes na faixa etária entre 19 e 60 anos.

A Colonização do Extremo Oeste Catarinense

A região que hoje compreende o Extremo Oeste de Santa Catarina há muito tida como devoluta, sem população e sem lei, foi alvo de disputas tanto internacionais como é o caso da Argentina, quanto nacional, com Santa Catarina e Paraná.

Devido, todavia, ao grande interesse de manter essa região sob sua guarda, Santa Catarina logo começou a influenciar a ocupação desse vácuo territorial. Juntando a necessidade de ocupação com a necessidade de desocupação oriunda das chamadas colônias velhas do Rio Grande do Sul, surgiram as primeiras frentes de colonizadores sob a tutela de empresas, por sua vez estrangeiras.

Desse modo, os novos colonizadores tiveram a missão de construir aquilo que por muitos anos, desde de tempos medievos, foi chamado de paraíso na Terra. A abundância de madeira, os cursos hídricos e a fertilidade da terra levou o colono efetivamente a trabalhar na exploração e estruturação de uma nova maneira de vida isolada e endógena.

A carência dos meios de comunicação amputou os laços objetivos e subjetivos dos locais de procedência e cerrou os limites e as fronteiras da colonização. Assim, as suas histórias parecem efetivamente começar com a chegada migratória. As lembranças incertas sobre a antiga moradia e a origem esquecida se expressam nas suas trajetórias de vida.

O espaço foi marcado por uma verdadeira blindagem imunológica. Grupos religiosos, lideranças etnocêntricas e o medo do “outro” forneceram os suportes necessários para a formação de comunidades fechadas e um padrão cultural deveras homogêneo.

Quem foi o Colonizador?

Em pesquisa anterior, Silva Junior; Eidt (2008, p. 62) concluíram que:

Foi aquele recolhido entre os fracassados e vitimados da desterritorialização do início de século XX. Depois de inseridos numa frente agrícola de subsistência e num território hostil, a sobrevivência só foi possível mediante a criação de um laço social horizontal. Na frente agrícola, o migrante apoderou-se das terras juridicamente devolutas e doravante subjugou, converteu, interdito, matou e aculturou as populações com a propriedade coletiva das terras imersas na floresta.

Nasceram no Extremo Oeste de Santa Catarina, mas foram alemães, italianos e poloneses durante a maior parte de sua existência. Como tantos, nem sabiam que existia o Brasil e que eram brasileiros.

Para conseguir a manutenção do espaço que nascia, a Igreja Católica e a Protestante tiveram papel de suma importância como organizadoras desse novo espaço. Direcionando, organizando e estimulando o crescimento da região a Igreja moldou os comportamentos, visando a estabelecer uma identidade cultural já perdida ou “prostituída” na sua antiga localização. Contendo o hibridismo religioso e até mesmo étnico, a Igreja incentivou a prática comunitária altruísta e abnegada. A educação de cunho vocacional com vistas à reprodução social treinava as futuras gerações para a continuidade organizacional pretendida por seus pais.

No isolamento da vida pioneira, a transmissão da cultura e dos saberes passava pelo tripé família, escola e Igreja. Sem parâmetros exógenos, as instâncias da família, escola e religião transmitiram os valores e os ideais da cultura. Assim o mundo, confinado e restrito, limitou possibilidades e serviu como ponto

de estrangulamento, e gerações inteiras foram educadas e submetidas ao mundo inexorável de minorias pensantes. O mundo das crianças na primeira infância, numa frente de colonização, se restringia à família patriarcal. O modesto círculo familiar se resumia a um cenário em que a imaginação era incitada principalmente para a luta pela sobrevivência em meio à hostilidade do espaço natural.

Na genealogia dos valores o papel educativo dos pais teve importância máxima. O discurso pautava-se em construir por meio da família os alicerces firmes e inquebrantáveis que, inequivocamente, sustentariam a vida social da colonização oestina. A educação familiar afirmou um arcabouço de valores e princípios que se introjetaram em níveis profundos.

A Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Evangélica

A religião foi o seguro e derradeiro sustentáculo a que os colonos se apegaram para salvar sua própria identidade cultural. Graças a ela conseguiram vencer os traumatismos da emigração, preenchendo o vazio encontrado na nova região e buscando na fé a manutenção da solidariedade e do altruísmo:

Nas comunidades do oeste catarinense [...] o catolicismo se constituiu num dos elementos basilares de sua organização. Os ensinamentos e princípios religiosos eram, em regra, tão respeitados que o microcosmo desses colonos organizava-se a partir deles. Constituíram-se na alma da própria organização social, normatizando a vida cotidiana das pessoas (De Bona, 2004, p. 49).

O território do Extremo Oeste Catarinense, quanto à assistência religiosa, primitivamente, antes da fixação dos limites entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná, estava subordinado à Diocese de Lajes, criada em 1929, e o Bispo Dom Daniel Hostin criou a Paróquia de São Pedro Canísio, em Itapiranga. Em 6 de janeiro de 1933 foi criada a Prelazia de Palmas, no Estado do Paraná, com a jurisdição no Oeste Catarinense, sob Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello.

Quanto á Igreja de Confissão Luterana no Brasil De Bona (2004, p. 52) esclarece que:

[...] pertenceram às primeiras nove famílias de agricultores vindas do Rio Grande do Sul. O primeiro culto realizou-se em agosto de 1943, oficiado pelo pastor Aldino Kempf e a comunidade de Vila Oeste, durante 14 anos, esteve filiada à Paróquia de Porto Feliz, de Mondai.

O primeiro templo foi construído no ano de 1944 e, em 18 de janeiro de 1956, foi criada a Paróquia Evangélica de Vila Oeste, desmembrada da de Mondai, tendo sido designado Edmundo Gruber, que foi o primeiro Pastor a fixar residência em São Miguel do Oeste; ele se locomovia a cavalo para atender os fiéis sob sua jurisdição e, somente em 1960, foi adquirido pela comunidade o primeiro automóvel.

O representante que mais se destacou à frente da Igreja Católica na região foi o Padre Aurélio Canzi:

Quando chegamos em Vila Oeste, em 1944, tudo era muito difícil. Sempre admirei o Pe. Aurélio Canzi, porque foi justo com relação às pessoas e conservador com relação à religião. Das suas grandes qualidades: falar pouco e dizer tudo. Pe. Aurélio participou de todos os acontecimentos históricos. Sua luta e liderança ficaram marcadas na memória do nosso povo a que ele tanto se dedicou (Fiorini, 1999, p. 18).

Nos primeiros anos de Vila Oeste (atual São Miguel do Oeste), a escola construída pela firma colonizadora (localizada em frente à atual Gruta Nossa Senhora de Lourdes), era onde, aos domingos e dia santificados, as famílias se reuniam para rezar o terço e pedir a proteção de Deus. Até a chegada do Pe. Aurélio, o atendimento religioso era feito pelos padres que atendiam na Paróquia São Pedro Canísio de Itapiranga, e restringia-se a algumas visitas anuais para realizar batizados, casamentos, primeira eucaristia e celebração de missas.

Para manter a população na Vila e atrair novas famílias, a empresa colonizadora precisava trazer um padre para o atendimento religioso mais próximo, pois diante do quadro de dificuldades enfrentadas pelos pioneiros, estar mais próximas de Deus significava um grande avanço e daria mais segurança às famílias que ali estavam.

A Urbanização e o Extremo Oeste

Segundo Bavaresco (2005), a economia da região do Extremo Oeste Catarinense pode ser explicada por ciclos dessa forma definidos: Ciclo da Pecuária, Ciclo da Erva Mate, Ciclo da Madeira e Ciclo Agroindustrial:

[...] com o ciclo da pecuária é possível traçar a trajetória da demarcação das fronteiras entre Brasil e Argentina e o traçado dos limites entre Paraná e Santa Catarina. Nesse contexto da demarcação dos limites ocorre a ocupação dos campos do Oeste catarinense e a formação das primeiras vilas na região. [...] no ciclo da erva-mate observa-se a relação comercial no Extremo Oeste catarinense principalmente com a Argentina. No Ciclo da madeira é possível estudar o processo de colonização dos riograndenses e o surgimento das madeireiras na região. O Ciclo da agroindústria, nos permite estudar o processo de urbanização do Extremo Oeste e o processo de industrialização da região (2005, p. 24).

Segundo o antropólogo Peter Murdock (1982, p. 341), as transformações na sociedade podem ser estudadas a partir de algumas noções balizadoras de tempo, espaço e relações culturais híbridas. *“As mudanças no comportamento social e, conseqüentemente na cultura, originam-se normalmente em alguma alteração significativa nas condições de vida de uma sociedade”*.

O hibridismo e o relacionamento com o outro são próprios e típicos de locais urbanizados e conseqüentemente industrializados. Desse modo, pequenas mudanças como a que estamos estudando podem trazer ressignificações sociais importantíssimas.

Logo, os sonhos de pureza, como nos ensina Bauman (1998), podem cair por terra quando o elemento “estranho” se enuncia e requer seu espaço. A urbanização do Extremo Oeste de Santa Catarina não foge a essas ideias. Quando somos chamados a observar os sincretismos existentes,

o estranho despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária. Ele vem de longe; não partilha as suposições locais - e desse modo, “torna-se essencialmente o homem que deve colocar em questão quase tudo o que parece inquestionável para os membros do grupo afetado (Bauman, 1998, p. 19).

Qualquer acontecimento que modifique as situações sob as quais ocorre o comportamento coletivo, de modo a desestimular ações e a dar preferência a novas respostas, pode conduzir a inovações culturais. Entre as classes de acontecimentos reconhecidas como tendo especial influência na produção de mudanças culturais estão os aumentos ou diminuições da população, as alterações no ambiente geográfico, as migrações para novos ambientes, os contatos com povos de culturas diferentes, as catástrofes naturais ou sociais, tais como enchentes, perdas de safras, epidemias, guerras, depressões econômicas, as descobertas científicas e transformações industriais e urbanas.

Segundo Santos (in Eidt, 1999, p. 106):

A configuração territorial recebe a cada momento histórico um significado e um valor específico ditado pela dinâmica social. A dinâmica social é dada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais e políticas. Os fluxos se realizam nos lugares e o mundo está presente em toda parte. A complexização da vida e das relações sociais envolvem todo o processo social de produção. Acontece um constante rearranjo da economia regional, cujas origens se encontram nos centros econômicos planetários.

Logo, com os inúmeros recursos comunicacionais, organizacionais e econômicos de que o mundo contemporâneo dispõe, Eidt (1999, p. 107) complementa:

Nesse mundo complexo, oposto às diversidades regionais ostensivamente oposto ao distinto verificado no início da colonização, emergem inúmeras identidades que definitivamente ocupam a identidade histórica que perdurou por cinco décadas pautadas no bem comum, na caridade, na harmonia, no isolamento, no apego à religião e na vida comunitária.

Desse modo, o universo pioneiro transforma com a urbanização os elementos norteadores da vida comunitária: o padre, o professor e a escola sofrem ressignificações pontuais. O homem pioneiro recebe com a urbanização e industrialização, além do acesso facilitado aos meios de comunicação, o acesso a produtos das agroindústrias e supermercados, novas formas de subjetivações religiosas, entre elas a Umbanda.

A Umbanda

Seguindo a trilha do nascimento e desenvolvimento da religião no Brasil, Roger Bastide (1971) e Renato Ortiz (1999) construíram um itinerário da religião que segundo eles é a “*genuína religião brasileira*”.

O desenvolvimento, nas páginas anteriores, do processo de colonização do Extremo Oeste Catarinense, das formas de vida e das práticas religiosas e comunais, teve um objetivo que era trazer aos leitores, que conforme as ideias levantadas pelos dois estudiosos da Umbanda no Brasil, ela se caracteriza como uma *religião tipicamente urbana*.

Levando isso em consideração e cruzando com os depoimentos levantados pela pesquisa, há realmente verossimilhança nas palavras de Bastide e Ortiz. E com esses dois autores procuraremos construir também a trajetória da Umbanda no Extremo Oeste Catarinense, mais especificamente em São Miguel do Oeste.

Antes, porém, vamos entender resumidamente o que é a Umbanda e como ela nasce no contexto nacional:

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido no movimento de transformação global da sociedade. A umbanda não é uma religião de tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do Messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve, pois, se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam. Não se trata, portanto, de reencontrar o seu foco de irradiação (onde e quando a palavra Umbanda aparece pela primeira vez, tarefa que se revela, aliás, inútil), mas de compreender como um movimento de desagregação das antigas tradições afro-brasileiras pode ser canalizado para formar uma nova modalidade religiosa (Ortiz, 1999, p. 32).

Com essas informações e como veremos adiante, a Umbanda caracteriza-se como um movimento de desagregação das antigas tradições afro-brasileiras e, como tal, é possível compreender mais facilmente sua aceitação numa região como o Extremo Oeste Catarinense, onde sua população é composta basicamente por descendentes de europeus.

Segundo Ortiz (1999), a Umbanda é uma religião dialética que resulta de duplo movimento: primeiro, o embranquecimento das tradições afro-brasileiras; segundo, pelo empobrecimento de certas práticas espíritas e kardecistas:

A penetração do espiritismo nas classes baixas brasileiras se dá já nos fins do século XIX, mas esse gênero de prática religiosa toma imediatamente uma configuração mágica, transformando-se radicalmente. Ele se confunde a procedimentos mágicos, conhecidos, e se torna um novo meio, talvez mais eficaz, de reconforto. [...], entretanto, o processo de embranquecimento não se traduz unicamente pela presença do catolicismo e do espiritismo (p. 39).

Em síntese, a Umbanda fundamenta-se no culto dos espíritos e é pela manifestação destes, no corpo do médium, que ela funciona e “faz viver” suas divindades; por meio do transe, realiza-se assim a passagem entre o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens. A possessão é, portanto, o elemento central do culto, permitindo a “descida” dos espíritos do reino da luz, da Corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores, a ideia

segundo a qual o neófito é o *cavalo* dos deuses, o receptáculo da divindade, é uma herança dos cultos afro-brasileiros, em que a possessão desempenha um papel primordial.

O Que Dizem os Médiuns

Os médiuns na Umbanda são aqueles responsáveis pela incorporação dos espíritos e pela realização dos trabalhos nos terreiros de Umbanda. Antes de se tornar um médium é preciso passar por um processo de preparação, em que o pretendente a médium precisa treinar principalmente sua concentração. A maioria das pessoas praticantes da Umbanda a conhece por intermédio de um amigo ou familiar que por algum motivo (trabalho, saúde, tranquilidade emocional ou espiritual) acompanha o pretendente à consulta, e acaba se interessando pela religião.

A construção da Umbanda na região estudada passa por esse processo quando entrevistamos os médiuns:

Segundo “A”:

Conheci a Umbanda através de uma pessoa que me aconselhou a consultar o local eu a ouvia falar sobre a Umbanda. Eu havia testado todas as maneiras na medicina para curar-me e não encontraram nada em mim. Aí então, eu comecei a participar no centro espírita Tenda de Oxossi. Me sinto fortalecida espiritualmente. A minha saúde melhorou e também a da minha família.

Pelas entrevistas pudemos observar que a Umbanda torna-se uma espécie de “última tentativa” para algumas pessoas quando na busca pela cura de doenças não diagnosticadas, ou quando não conseguem bons resultados pela Medicina tradicional. Buscam na Umbanda a cura das moléstias físicas e encontram por meio do contato com os espíritos reconforto físico e espiritual.

Outro dado importante que observamos nas sessões são os “*passes*”. O *passé* pode ser caracterizado como uma espécie de purificação do corpo contra os maus espíritos e contra as cargas negativas de uma semana exaustiva, por exemplo. No *passé*, o participante não entra em contato verbal com o médium

incorporado, como na consulta, por exemplo. Por meio das mãos do médium o espírito faz massagens em pontos específicos do corpo do participante. Lugares como a testa, o peito, as mãos, as costas, os pés são tocados e com a emissão de algumas palavras o participante recebe o *passé*.

Segundo “B”, um participante das sessões de Umbanda relata:

Eu sempre que posso vou ao terreiro tomar um *passé*, não sei exatamente no que creio, porém, minha mãe e meu pai sempre foram à Umbanda e relatam como se sentem melhor quando recebem um *passé* ou vão se consultar com o Guia (espíritos). E realmente, quando eu recebo um *passé* eu me sinto melhor, protegido.

Outra maneira de participar de uma sessão de Umbanda é pela consulta. Segundo um dos médiuns “C”, entrevistado: *“A consulta consiste em conversar com o espírito, pedir ajuda, algum conselho quanto a alguma decisão difícil, quanto a algum problema de saúde ou para pedir alguma ajuda com o trabalho, com os filhos, etc. algumas vezes recebemos pessoas com problemas estranhos, como alguém que veio uma vez perguntar que tipo de milho ele poderia dar às suas galinhas. Muitas pessoas não entendem a profundidade da prática da Umbanda”*.

O efeito que a Umbanda possui é muito interessante. A grande parte dos praticantes da Umbanda é adepta também o catolicismo, vão à Igreja regularmente e recebem a comunhão. Solicitado a explicar esse sincretismo em torno dessas práticas um dos entrevistados, “C”, responde. *“Deus é um só, mas as maneiras de se chegar até ele são diversas. Com o catolicismo, eu, através do padre recebo as palavras de Deus, mas com a Umbanda eu posso conversar com espíritos que para alcançar a graça de Deus fazem igualmente o bem”*.

Continuidade e Tradição

Um dos objetivos desse trabalho foi buscar compreender o surgimento da Umbanda no Extremo Oeste Catarinense e em particular em São Miguel do Oeste. Entendemos com Ortiz (1999) que a Umbanda é uma religião que

acompanha o processo de urbanização e industrialização e, em conjunto com os processos de imigração que uma região com maior urbanização pode tomar, as trocas simbólicas e as influências externas modificam o modo de agir e pensar das pessoas.

Entre as diversas formas de transformações sociais, essa em questão pode encaixar-se no que Murdock (1982, p. 450) chama de aceitação:

A aceitação social começa com a adoção de um hábito por parte de pequeno número de indivíduos. A partir desse ponto, pode alastrar-se até fazer parte da subcultura de uma família, de um clã, de uma comunidade local ou de um subgrupo, ou até tornar-se uma “especialidade” característica de pessoas pertencentes à determinada categoria profissional, de parentesco, de faixa etária, ou outra, ou até tornar-se uma “alternativa” amplamente praticada, mas em caráter facultativo. Por fim, poderá mesmo tornar-se “universal”, compartilhada por todos os membros da sociedade.

No que se refere à inserção da Umbanda em São Miguel do Oeste podemos afirmar, com base nas entrevistas, que ela é oriunda do Rio Grande do Sul. Algo não muito estranho quando sabemos que os fluxos migratórios que colonizaram a região são provenientes do Rio Grande do Sul, mas pode causar estranhamento ao leitor desavisado ao não saber que o Rio Grande do Sul, segundo estudos de Ortiz (1999) e Bastide (1971), possui a terceira maior concentração de umbandistas do Brasil, perdendo somente para São Paulo e Rio de Janeiro.

Como descrevemos anteriormente, boa parte das pessoas que conhecem a Umbanda é por meio de familiares e parentes que ao ir aos terreiros levam consigo alguém como companhia. Isso dá à Umbanda, pelo menos no caso estudado, um caráter familiar de continuidade. Nas vezes que fomos aos encontros, geralmente nas segunda-feiras, encontramos um clima descontraído, com crianças acompanhando seus pais, maridos com suas esposas e amigos em geral.

Continuando com a ideia de familiaridade, o terreiro estudado fica nos fundos da casa do Cacique do Terreiro.

Quando perguntado sobre como tornou-se umbandista: *Quando eu nasci, meu pai tinha um Terreiro de Umbanda, e após dez anos de seu falecimento, nós da família continuamos a praticar a Umbanda. Nossa Terreira foi fundada dia 20 de janeiro de 2003, sendo que sua origem foi passando de geração após geração, sendo o fundador eu, alguns médiuns e a Federação de Umbanda. Os primeiros encontros foram realizados na própria terreira, tendo participação de vários médiuns e também de pessoas da comunidade, até mesmo de outras cidades.*

Tentando construir o marco zero do surgimento da Umbanda na Região Extremo Oeste de Santa Catarina e de São Miguel do Oeste, conseguimos saber com um dos entrevistados, “D”: *“Eu conheço, há mais de 30 anos, mas meu pai conheceu em São Miguel do Oeste no ano de 1966, quando veio do Rio Grande do Sul. Existem vários umbandistas na cidade e região, mas a maioria deles atende em casa, particular. Aberto ao público eu só conheço o nosso”.*

O Que Dizem os Participantes

Conforme Fernandes (2009, p. 23):

O vocábulo Umbanda é oriundo do sânscrito, a mais antiga e polida de todas as línguas da terra, a raiz mestra, por assim dizer, das demais línguas existentes no mundo.

Sua etimologia provém de Aum-Bandhã, (om-bandá) em sânscrito, ou seja, o limite no ilimitado. O prefixo Aum tem uma alta significação metafísica, sendo considerado palavra sagrada por todos os mestres orientalistas, pois que representa o emblema da Trindade na Unidade, Pronunciado ao iniciar-se qualquer ação de ordem espiritual, empresta à mesma a significação de o ser em nome de Deus. Pronuncia-se om. A emissão deste som durante os momentos de meditação, facilita as nossas obras psíquicas e apressa a maturação do nosso sexto sentido, a visão espiritual. Bandhã (Banda) significa movimento constante ou força centrípeta emanante do Criador, a envolver e

atrair a criatura para a perfectibilidade. Uma outra interpretação igualmente hindu, nos descreve Bandhã (Banda) como significando um lado do conhecimento, ou um dos templos iniciáticos do espírito humano. A significação de Umbanda, em nosso idioma, poderia ser traduzida por qualquer das seguintes fórmulas: Princípio Divino; Luz Irradiante; Fonte Permanente de Vida; Evolução Constante.

A caridade e a prestação de serviço espirituais são temas centrais que norteiam a prática da Umbanda. Segundo o pensamento kardecista, os espíritos quando desencarnam continuam sendo vítimas dos processos de causa e efeito. Desse modo, eles precisam buscar a continuidade evolutiva, precisam tornar-se espíritos dignos de estarem próximo a Deus. Assim, precisa-se estar em constante transformação e redenção. Para isso, a forma que os espíritos encontram para se redimirem e buscar a evolução é por meio da bondade e da caridade. Logo, a materialização dessas entidades na Umbanda é sentida por meio dos médiuns que são os receptáculos desses espíritos.

Assim, a Umbanda reveste-se de uma dialética de caráter beneficente, de ajuda mútua; primeiro, por parte dos espíritos que evoluem, segundo, por parte dos humanos que são ajudados.

Quanto ao tipo de ajuda que são buscados nos Terreiros de Umbanda encontramos uma miríade de motivações que levam as pessoas à religião.

Segundo “E”: *“Eu precisava vender um terreno e tinha medo de fazer um mau negócio, e fui pedir auxílio aos guias. Quando posso vou para tomar um passe e pedir proteção”*.

Nos cultos encontramos muitas pessoas. Pessoas que têm familiares doentes e vão pedir aos espíritos auxílio na cura. *“Tinha um irmão doente e fui consultar com o guia sobre o que eu poderia fazer, ele disse que a ajuda espiritual deve andar junto com a ajuda material, ou seja, eu deveria levá-lo ao médico e ter fé em Deus que ele também iria ajudar”*, responde “F”.

O Preconceito e a Desinformação

Como Bauman (1998) nos ensina, tudo que é diferente do normalmente visto causa estranhamento. Formamos, segundo ele, uma espécie de mente coletiva, baseada nos sonhos de pureza. A pureza seria a manutenção das coisas como elas sempre foram, sem novidades bruscas. Atormentamos-nos pelas novidades, o *status quo* é preferível à fluidez e liquidez.

As transformações se avolumam em nosso mundo contemporâneo, e quando menos esperamos somos atingidos por um golpe de novidade. A xenofobia e o ultraconservadorismo, entretanto, estão sempre presentes nesse mesmo mundo volátil.

A Umbanda é constantemente chamada a se defender contra a ofensiva dos mais intolerantes e preconceituosos. Quando perguntado sobre o preconceito “G” responde: *“Quando ficaram sabendo que frequentava e participava da Umbanda, várias pessoas deixaram de ser meus amigos e se afastaram de mim”*, e acrescenta: *“Gostaria muito que as pessoas se informassem mais sobre a religião, hoje existem vários sites e revistas na Internet que poderiam acessar e entenderem o que significa a Umbanda e sua mensagem”*.

“D”, o Cacique do Terreiro que pesquisamos, com relação à divulgação e às pesquisas em torno da Umbanda, explica:

Gostaria que a Umbanda fosse mais divulgada e aceita pelas pessoas. Pois é gratificante poder ajudar e amenizar os problemas das pessoas que vêm até nós e aos espíritos pedir ajuda e conhecer. Pediria para as pessoas que não conhecem bem o nosso trabalho e a nossa religião para não criticar, nem falar mal sem antes conhecer o que realmente é e o que significa. Que meu Deus, o teu Deus, enfim, o nosso Deus nos abençoe e nos proteja hoje e sempre. Lembrando sempre que Deus é um só e não importa qual é a nossa maneira e jeito de segui-lo, respeitá-lo e amá-lo, hoje e sempre.

Considerações Finais

A região que hoje compreende o Extremo Oeste de Santa Catarina há muito tempo foi alvo de interesses territoriais por parte de Estados como o Paraná e Santa Catarina e inclusive a Argentina. Devido a uma série de tratados históricos que remontam ao século 18, ficou acordado que a região pertencia ao Brasil, mas sem grande convencimento por parte dos nossos vizinhos argentinos. Desse modo, por um bom tempo, essas terras ficaram conhecidas como terras devolutas.

O governo catarinense, entretanto, prontificou-se a delimitar seu território, e para tanto, incentivou a colonização em massa, unindo dois problemas demográficos: de um lado o excesso de famílias em pequenas propriedades no Rio Grande do Sul que estava passando dificuldades devido ao esgotamento das terras, e por outro, grandes vácuos territoriais sem população.

Logo, algumas companhias se prontificaram em incentivar a vinda de imigrantes riograndenses para estas regiões, e assim fundar novas colônias, sob a promessa de terras boas e acessibilidade. A realidade, todavia, mostrou-se diferente, e esses colonizadores viram-se abandonados à própria sorte nesse novo universo colonial.

Nesse processo de formação, as Igrejas Católica e Evangélica foram de suma importância para a manutenção da ordem e do respeito, mas, sobretudo, para levar até o colono abandonado à própria sorte o alento e a palavra de Deus. Logo, sob a égide da Igreja o espaço torna-se um espaço de altruísmo e fé. É nesse ínterim, que pessoas como o Padre Aurélio Canzi e o Pastor Edmundo Gruber assumem a responsabilidade de apoiar a construção de escolas, hospitais, igrejas, etc. A Igreja torna-se a grande norteadora da vida colonial.

No caminhar desenvolvimentista, contudo, as cidades tendem a ser urbanizar e industrializar, e com a região que compreende o Extremo Oeste de Santa Catarina não foi diferente. E foi no processo de urbanização e industrialização que pretendemos explicar as transformações sociais pelas quais passou a região.

Tentando construir um itinerário dessas transformações, nos deparamos com a Umbanda que segundo Ortiz “é a *genuína religião brasileira*”, e por meio de pesquisa bibliográfica e de campo tentamos detectar sua chegada à região. Observamos que a Umbanda é uma religião que passa por dois processos: um de embranquecimento e outro de empedernido, explicado pela dialética entre as religiões de cunho afro-descendente e as religiões europeias, como o kardecismo e o catolicismo.

De acordo com a pesquisa de campo, observamos que todos os entrevistados eram nascidos no Rio Grande do Sul, onde a Umbanda possui a terceira maior parcela de praticantes no Brasil. A data mais aproximativa que chegamos da inserção da Umbanda na região é 1966, entretanto de acordo com um dos entrevistados, que é filho do Umbandista que chegou nessa data em São Miguel do Oeste, já havia pessoas que praticavam a Umbanda no local.

Consequentemente, novas pesquisas serão necessárias para um maior aprofundamento em torno da religião, e hipóteses podem ser levantadas desde já, ou seja, que talvez ela tivesse sido inserida de forma escusa já com as primeiras famílias colonizadoras ou logo depois. Se comprovada essa hipótese, teríamos uma ressignificação importante nas práticas societais, ainda no processo de colonização da região em estudo.

Referências

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Abril; Brasiliense, 1984.
- BAVARESCO, Paulo Ricardo. *Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no extremo Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2005.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BAUMAN, Zigmun. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE BONA, Avelino. *Evolução histórica de São Miguel do Oeste*. São Miguel do Oeste: Mclee, 2004.

EIDT, Paulino. *Porto novo: da escola paroquial ao projeto de nucleação. Uma identidade em crise*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1986.

FERNANDES, Diamantino Coelho. O espiritismo de umbanda na evolução dos povos. In: PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1941, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em: <<http://povodearuanda.files.wordpress.com/2008/07/correio-da-umbanda-2006-01-edicao-01.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

FIORINI, Cleusa de Fátima. *Pe. Aurélio Canzi*. São Miguel do Oeste: GBS Editora, 1999.

LÉVÊQUE, Pierre. *Animais, deuses e homens: o imaginário das primeiras religiões*. Lisboa: Edições 70, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. 3. ed. Campinas, SP: Papius, 2003.

MADRUGA, Jayme. A liberdade religiosa no Brasil. In: PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1941, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://povodearuanda.files.wordpress.com/2008/07/correio-da-umbanda-2006-01-edicao-01.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

MURDOCK, Peter George. Como a cultura se modifica. In: SHAPIRO, Harry L. (Org.). *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função nas sociedades primitivas*: Lisboa: Edições 70, 1989.

REVISTA Espiritual de Umbanda. *A mais bela manifestação de fé, história e cultura*, ano 1, v. 2, n. 4, 2008.

RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Lobato Roberto. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

SILVA JUNIOR, Edinaldo Enoque; EIDT, Paulino. *Cultura e natureza, interdições e conflitos: um olhar sobre o passado regional*. Visão Global, São Miguel do Oeste, SC, v. 11, n. 1, p. 55-78, jun. 2008.

VICENTE, Paulo C. L. Umbanda, como surgiu. In: *Revista Correio de Umbanda*, Rio de Janeiro, RJ, ano, 1, n. 2, fev. 2006a. Disponível em: <<http://povodearuanda.files.wordpress.com/2008/07/correio-da-umbanda-2006-02-edicao-02.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

VICENTE, Paulo C. L. Elementos utilizados nos trabalhos de umbanda. In: *Revista Correio de Umbanda*, Rio de Janeiro, RJ, ano, 1, n. 1, jan. 2006b. Disponível em: <<http://povodearuanda.files.wordpress.com/2008/07/correio-da-umbanda-2006-01-edicao-01.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

Recebido em: 5/1/2011

Aceito em: 4/9/2011